

A pré-estréia da modernidade

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Maio de 1968 foi um desses momentos em que forças históricas irrompem de uma maneira surpreendente. Surpreendente, em primeiro lugar, para os próprios franceses, em especial para aqueles que deveriam ser "especialistas" em transformação: a esquerda. Eu dava aulas em Nanterre, Daniel Cohn-Bendit foi meu aluno, e, entre os professores, a primeira reação foi de que se tratava de uma manifestação de rebeldia, mais uma, que buscava quebrar a autoridade estabelecida. Na verdade, a esquerda — sobretudo a francesa, ainda dominada pela ortodoxia do PC de Georges Machais — tinha uma visão do que seria transformação social, "revolução", que não tinha qualquer proximidade com o que estava ocorrendo nas ruas.

O que estava ocorrendo tinha uma grande medida de espontaneidade. A compreensão do sentido histórico veio depois. Hoje, com a perspectiva de 30 anos, sabemos que, naquele momento, os estudantes estavam descobrindo uma nova dimensão do processo político. Exaltava-se a individualidade, mas numa chave que nada tinha da liberal clássica. Já não era a "liberdade dos modernos", mas uma afirmação da individualidade que passava além das regras escritas ou previsíveis. Naquele momento, estava-se ultrapassando, sem que disso se tivesse consciência plena, uma determinada visão da política, vinda do século XIX e movida pela idéia de classe. De certa forma, 1968 antecipa os movimentos sociais criados a partir de necessidades fragmentadas, com vistas a mudanças ora grandes, como as ambientais, ora localizadas, como as das comunidades de bairros. Mas, em ambos os casos, com a tranqüila dispensa das estruturas políticas tradicionais.

Outro elemento claramente novo naquele movimento foi a rapidez com que se espalhou pelo mundo. Embora tenha-

mos que considerar que as circunstâncias e as motivações locais variavam muito. O 68 brasileiro era essencialmente antiautoritário, ainda no marco da conquista das liberdades modernas, não das pós-modernas.

Mas não há dúvida de que alguma ligação terá existido entre o que ocorreu na França, nos EUA, na Europa socialista e no Brasil.

Era o anúncio de uma dimensão da globalização que, hoje, diante da preocupação generalizada com os fluxos financeiros, parece esquecida. Os valores e as atitudes se beneficiam das redes globais e se universalizam também. Maio de 68 serviu para animar ou mesmo agregar legitimidade ao 68 brasileiro, por um processo de cruzamento entre reivindicações nacionais e internacionais que, no mundo contemporâneo, ocorre a todo instante.

O processo político democrático passa hoje por uma rede extremamente complexa, que começa em organizações locais, passa pelas redes mundiais e pelos organismos multilaterais, alguns com jurisdição efetiva, e cria novos padrões — de sentido universal — para avaliar o desempenho dos governos.

O ano de 1968 não criou o mundo que chamam pós-moderno, mais globalizado e simultaneamente mais fragmentado, com elementos adicionais de afirmação individual.

Em boa medida, porém, revelou-o pela primeira vez, com uma força de surpresa e espontaneidade que por vezes impulsiona os grandes acontecimentos históricos.

Apesar de seu caráter utópico, ou talvez por causa dele, 1968 inscreve-se como um marco essencial na História do século XX. Não terá levado a imaginação ao poder, como pretendia, mas tampouco foi um grito parado no ar.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO é presidente da República.



Marcelo